

★ J. R. TEIXEIRA LEITE

## VIDA DAS ARTES

## O SALÃO MODERNO (III)

NADA menos de onze certificados de isenção de júri foram distribuídos no atual Salão Moderno, aberto no Museu Nacional de Belas Artes. É escusado dizer que essa quantidade está longe de corresponder à qualidade do que ali se acha exposto.

Diz a lei 1.512, que criou o Salão, que certificados de isenção de júri, até um máximo de onze, podem ser concedidos em cada Salão. Infelizmente, a maior parte dos júris de premiação tem compreendido, desde 1952, que onze certificados de isenção devem ser concedidos anualmente, o que explica a enxurrada de isentos já existentes, enxurrada que acabará transformando aquele certame em coisa absolutamente morta — um Salão de direitos adquiridos.

Que é, afinal, a isenção de júri? — Um atestado, passado por pessoas competentes, de que determinado artista atingiu a tal ponto de desenvolvimento, em sua carreira, que em seus posteriores envios ao Salão não mais será necessário submeter-se a qualquer triagem prévia; atingiu a mestria, ou pelo menos dela aproximou-se.

Ora, no Salão do corrente ano os onze contemplados com a isenção, com raras exceções, não são senão principiantes dotados de algumas virtudes, é inegável, mas longe ainda de dispensarem a ação de um júri de seleção. Que é, animal, Sérgio de Campos Mello, David Liebeskind, Wakabayashi, José Lima e outros, senão jovens artistas de talento, mas no princípio, ainda, de suas carreiras? Já terão atingido àquela cristalização de estilo que revela de modo inequívoco uma personalidade artística madura — digna, pois, da isenção de júri —, ou procuram ainda sua própria personalidade, com talento maior ou menor?

Wakabayashi expôs pela primeira vez no Salão atual — e já conquistou a isenção. Lembramo-nos de Boudin, que expôs no Salão em 1859 e só 24 anos depois mereceu a sua isençozinha... Lembramo-nos de Manet, eternamente cortado pelos júris, e perguntamos se os júris atuais, desejando evitar injustiças semelhantes, não estarão tombando no excesso oposto, distribuindo galardões e recompensas a quem ainda não os merece.

Tentamos de todos os modos possíveis descobrir porque Telmo de Jesus Pereira teve a sua isenção, e não descobrimos. A rigor, só vimos lógica no certificado concedido a Newton Cavalcanti, que expondo desde 1954, tem mantido em todos esses anos uma linha de coerência e de evolução, e que hoje possui, inegavelmente, um estilo próprio, pessoal e inconfundível.

Seja como for, mais um time completo de isentos de júri disputará, ano vindouro, o campeonato do Salão Moderno.

## SERPA NA GALERIA TENREIRO

No próximo dia 15 Ivan Serpa inaugura, na Galeria Tenreiro, uma exposição de pintura. Comemora assim os quinze anos de uma carreira invulgar, marcada por uma evolução contínua e coerente. Serpa, nascido em 1923, foi um dos primeiros artistas brasileiros de orientação não-representativa geométrica, o primeiro a realizar entre nós collages e a pôr em prática

outros procedimentos de vanguarda. Por muitos anos sua arte cingiu-se a um austero construtivismo, temperado pelo colorido, nela imperando as relações matemáticas entre formas e cores. Após sua viagem à Europa, contudo, o artista iria abandonar a arte concreta, em certas obras (como as que enviou à Bienal de Veneza, ano passado) quase voltando ao figurativismo, sob a influência da arte pré-histórica que viu em Altamira e em outros sítios da Europa.

## APPEL VOLTA AO MODELO

O famoso pintor holandês Karel Appel, fundador do Grupo Cobra, acaba de contratar um modelo, voltando assim à cópia das formas naturais, e dizendo: «Tomei um modelo e fim de me libertar da abstração. Cobra passou, acabou. É preciso encontrar outro caminho. Contratei um modelo para libertar-me da abstração, como outrora adotara a abstração para me libertar do objeto. De resto, trabalhando com um modelo, obtenho maior contraste entre cada quadro. Cada quadro é diferente, com uma mulher diferente».

## CONY E A MUSEOLOGIA

Escrevendo, dias atrás, sobre o Instituto Nacional do Livro, nosso caro Carlos Heitor Cony (Da Arte de Falar Mal) teve essa incrível frase, saída, decerto, à sua revelia: «Estruturalmente falho, culturalmente desatualizado, é mais um museu do que o Instituto dinâmico que deveria ser». Deus do céu, será que é essa a definição de museu segundo Cony: instituição estruturalmente falha e culturalmente desatualizada?!... Não é possível: afinal de contas, o autor de O Ventre é inteligente e lido, e se tivesse ainda hoje, acerca de museus, a noção dominante há oitenta anos passados estaria, fora de qualquer dúvida, «culturalmente desatualizado»...

## GENTE

Pesquisando a vida de Rembrandt, o reitor Pedro Calmon chegou à curiosa conclusão de que o grande pintor e Antônio Vieira se conheceram, e foram mesmo amigos. Um artigo a respeito deverá ser publicado em O Cruzeiro, breve. \*\*\* Estiveram no Rio Montez Magno e Trindade Leal, que exporão breve em São Paulo, onde moram. Montez Magno partirá, aliás, para a Espanha (bolsa de estudos), após sua exposição na Seta. Ao passo que Trindade Leal, de quem já conhecíamos as gravuras, tem realizado numerosos desenhos de temática gaúcha, e vai expô-los na São Luís. \*\*\* Henrique Mindlin acaba de concluir o projeto do Banco do Estado da Guanabara (edifício-sede). A decoração mural será feita por Emeric Marcler. \*\*\* O último número de Manchete estampa uma reportagem a cores sobre Harry Elsas. Esse pintor tem boa técnica, mas em matéria de invenção está como São Sebastião de calças... Cópia Bruegel, os renascentistas italianos, o diabo. \*\*\* Localizada em Poços de Caldas uma Anunciação que dizem ser de Murillo. \*\*\* Newton Cavalcanti participará da Bienal de Gravura a ter lugar em Santiago, em setembro. \*\*\* Terminou na Gead a mostra de Marie Louise Mattos: 12 obras vendidas. \*\*\* Após duas horas de buscas no fraquíssimo Salão Moderno desse ano, quatro membros da Comissão Nacional de Belas Artes — Zélia Salgado, Quirino Campofiorito, Frank Schaeffer e o redator — acabaram adquirindo, com a verba orçamentária da CNBA (200 mil cruzeiros!) uma tela de Nerici, outra de Henrique Osvaldo e três gravuras de jovens artistas.



EXPOSIÇÃO DE ESCULTURA — A foto mostra uma das esculturas em bronze que Mário Ormezzano exporá, a partir do dia 12, na Oca, na Praça General Osório. Trata-se de um artista cuja personalidade se traduz de modo igualmente válido na pintura na escultura e na arquitetura. A inauguração de sua mostra dar-se-á às 21 horas.